

Janete Costa Um olhar

Janete Costa Um olhar

curadoria **Mario Costa Santos**



Museu Janete Costa de Arte Popular Niterói RJ



Um olhar para o interior

Falar de arte e artesanato brasileiros é falar da Janete.

Falar da Janete é lembrar-se de uma mulher que, com sua humildade, abria portas sempre, construindo e aglutinando com determinação e intuição. Ela era tudo ao mesmo tempo. De maneira genial misturava emoção com razão, trabalho e lazer, popular e erudito, paixão e técnica em tudo que fazia.

Corajosa, ela nos ensinou que a insegurança proporciona o questionamento que provoca a curiosidade que resulta em conhecimento. “Não se pode gostar de algo que não se entenda e conheça bem”, dizia ela, como lembra Geraldo Costa, seu irmão.

Nasceu no interior e venceu. Curiosa, conheceu o mundo, e quanto mais descobria e aprendia, mais valorizava suas raízes. Fez escola em arquitetura de interiores trazendo de volta o Brasil para o interior da casa brasileira.

Sempre acordada e pronta a ajudar, Janete queria resolver o mundo. E, sem descuidar de sua trajetória profissional, era mulher, esposa, mestra, amiga e acima de tudo uma GRANDE MÃE.

Seus filhos
Claudia, Lúcia, Mario, Roberta



Desde que construímos o MAC, percebemos que uma parte de seus visitantes era atraída mais pela arquitetura genial de Oscar Niemeyer do que propriamente pelas extraordinárias exposições de arte contemporânea, que, diga-se de passagem, jamais ficaram a dever alguma coisa a iniciativas do gênero realizadas em várias outras partes do mundo. Com a globalização, os artistas em atividade hoje têm uma enorme identidade entre eles, independentemente de fronteiras ou continentes. As motivações, as angústias e a necessidade de criação são as mesmas, universalizaram-se. O mundo é um só. Exposições de arte contemporânea em Nova York, Paris, Tóquio ou Rio de Janeiro assemelham-se. Já o MAC, com as linhas de Niemeyer desenhadas no mirante da Boa Viagem, só existe aqui. Nada se assemelha ao museu de Niterói.

Ao contrário da arte contemporânea erudita, digamos assim, o Brasil tem algo absolutamente diferente e único: a sua arte popular. O que o nosso povo mais humilde cria não se parece com obras de arte de nenhum outro lugar no planeta. Do mesmo modo que vivemos a globalização, temos uma identidade cultural própria muito forte.

O Museu Janete Costa, que fica a apenas dois minutos do MAC, vai funcionar como um poderoso complemento aos visitantes deste. Será possível ver a arquitetura de Oscar Niemeyer e também a arquitetura brasileira do século XIX; será possível, em uma mesma visita, apreciar a criatividade de nossos artistas contemporâneos e a criatividade dos nossos artistas populares de hoje e de tempos atrás.

O entusiasmo que nos levou a fazer o Museu de Arte Popular foi construído dentro de nós por Janete, uma das pessoas mais extraordinárias que tive a honra e a sorte de conhecer. Ela, que foi uma das maiores incentivadoras de nossos artistas do povo, dizia uma coisa totalmente certa: para entender a arte é preciso aprender a olhá-la. Muita gente às vezes vê um Portinari, um Di Cavalcanti, um Matisse, um Picasso ou um outro gênio qualquer, e não se emociona com as obras nem tampouco as admira. E por quê? Porque não aprendeu a olhar. A função do nosso Museu Janete Costa de Arte Popular é precisamente esta: ensinar a olhar.

Queremos, especialmente, que a parcela da população de Niterói que ainda não conhece as manifestações artísticas de várias regiões brasileiras possa se familiarizar com elas. É uma forma de fazer crescer ainda mais, em cada um de nós, o orgulho de pertencer a este grande país e fazer parte deste povo tão especial.

A ideia da criação do novo museu de Niterói saiu da cabeça de Janete, a quem a cidade fica devendo esta iniciativa. E, ao batizá-lo com o seu nome, estamos homenageando o brilhantismo, a ousadia, a criatividade, a originalidade e a inteligência da mulher genial e querida que ela foi.

Niterói, 28 novembro de 2012 (dia em que a saudade de Janete Costa completou quatro anos).

Jorge Roberto Silveira
Prefeito de Niterói



Arsenio Pereira Pimentel

Cabeças masculinas, sem data Cerejeira envernizada, 25 x 23 cm Madeira natural, 23 x 19 cm
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



Uma mulher generosa

O Museu Janete Costa de Arte Popular nasceu da iniciativa do prefeito Jorge Roberto Silveira, com o intuito de homenagear a grande especialista na arte do povo brasileiro. Além de sua importante atuação na arquitetura de interiores, onde sua personalidade marcante se destacava, Janete Costa foi notável estudiosa e divulgadora de nossa arte popular. Seu trabalho não se limitou às atividades formais de especialista, ao contrário, Janete Costa saía em campo, no corpo a corpo, esquadrinhando este Brasil grande, procurando, conhecendo e divulgando a obra de nossos talentosos artistas do povo.

Janete Costa, com propriedade, não fazia diferença entre arte popular e erudita, arte popular e arte contemporânea. Ela procurava qualidade e expressão; com seu olhar sensível e experiente, sabia ver e nos ensinar quando estávamos diante de uma obra excepcional. Na verdade, Janete foi mais do que isso, ela foi responsável pela criação de diversas coleções, apresentando a arte popular ao universo de conhecimento e à apreciação dos mais importantes colecionadores de arte brasileira. Janete Costa foi a grande incentivadora da introdução da arte popular na casa brasileira.

Portanto, nada mais merecido que emprestar o nome de Janete Costa a este Museu, com suas áreas amplas, ateliê para artistas populares trabalharem à vista do público, espaços arquitetônicos pensados por Mario Santos para abrigar nossos artistas do povo.

Niterói eleva-se com esta realização. Temos o Museu de Arte Contemporânea, com a arquitetura genial de Oscar Niemeyer; o Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro, Palácio do Ingá; na antiga residência do grande pintor paisagista Antônio Parreiras, seu museu

monográfico; um pouco mais adiante, o Solar do Jambeiro, que abriga a coleção Quirino e Hilda Campofiorito, e, diante dele, o Museu Janete Costa de Arte Popular. Todas essas instituições encontram-se sediadas no mesmo bairro, formando, assim, um interessante circuito de museus, um verdadeiro passeio artístico.

Quem teve a oportunidade de conhecer Janete Costa foi, certamente, transformado por sua generosidade; aprendeu a reconhecer o valor da arte popular brasileira, a olhar o mundo vendo-o diferente, a ser um pouco mais generoso; aprendemos todos a ser um pouco melhores.

Claudio Valério Teixeira
Secretário de Cultura de Niterói





Janete Costa Um olhar

Para a inauguração do Museu Janete Costa de Arte Popular, pensei em uma exposição que revelasse uma síntese da arte popular brasileira. A tarefa era difícil, pois eu teria de trabalhar dentro de um extenso universo que expressa toda a riqueza cultural de nosso país. Em cada região do Brasil encontramos tradições, vocações, valores, matéria-prima e características próprias, e os artistas locais espelham e desenham as condições econômicas e culturais dessas regiões.

Sou filho da Janete, e, como tanta gente, com ela aprendi muito sobre a vida e sobre a arte. Na hora de decidir o que expor na primeira mostra de um museu dedicado a ela, a emoção acabou por comandar o critério de seleção. Escolhi peças de artistas e de mestres com os quais minha mãe tinha relação direta ou indiretamente, tanto nas pesquisas que fez durante sua vida profissional quanto na relação pessoal com a arte e o artesanato populares que teve na infância no lugar onde nasceu, no interior de Pernambuco.

Além de filho da Janete, sou arquiteto. Mesmo com escritórios separados, sempre fizemos parcerias, trabalhando juntos em vários projetos em segmentos distintos, como, por exemplo, a hotelaria, em que inevitavelmente privilegiávamos a divulgação e a introdução da arte e do artesanato brasileiros, mostrando a importância e a qualidade de nossas raízes, abrindo espaço no mercado para toda uma população de artistas e artesãos, que assim podiam vencer a pobreza e mudar a qualidade de vida de suas comunidades.

Permitam-me contar uma pequena lembrança do contato da Janete com os artistas e artesãos. Eu adorava viajar com ela. Observava tudo atentamente e aprendia muito. Mais do que escolher e selecionar, ela me ensinou a enxergar a beleza nas coisas e nas pessoas. Tive oportunidade de ir com minha mãe ao interior de Pernambuco, e lá vi como era impressionante o fascínio que ela exercia sobre os artesãos. Nos lugares por onde passávamos, a necessidade era grande, mas a presença dela deixava as pessoas esperançosas. “Dona Janete chegou!”, saíam espalhando. E lhe diziam: “A situação não está boa, mas, se a senhora está aqui, vai melhorar”. E ela fazia o possível para ajudar. Porém, muito sabiamente, mesmo sendo uma superprotetora de todos que precisassem dela, não exercia um paternalismo quando se tratava da arte espontânea do povo. Dizia com franqueza o que achava da obra de um artista. Não interferia jamais na produção nem desviava o olhar do artista para um horizonte além das suas origens. Dava-lhe incentivo para continuar criando, e isso, sim, despertava nele a perspectiva de uma vida melhor e de reconhecimento por sua arte. No caso dos artesãos, limitava-se, às vezes, a sugerir que uma pequena alteração nas dimensões de uma peça ajudaria a vendê-la. E sempre mostrava respeito pelo trabalho.

Juntos, fizemos várias exposições de arte popular e museografias no Brasil e no exterior, e elaboramos orientações para a produção artesanal visando a preservar a qualidade e ajudando a formar um público consumidor disposto a compreender o fator sociocultural que a obra artesanal carrega. Criamos uma afinidade e uma identidade na forma de expor. A Janete sempre gostou de fazer museus. Nos últimos anos, sonhava em dedicar-se exclusivamente à função de pesquisar e incentivar arte popular. Assim, criamos uma equipe especializada em museus dessa natureza juntando os dois escritórios, o meu, do Rio de Janeiro, e o dela, de Recife, com o arquiteto Acácio Borsoi e minha irmã Roberta Borsoi, e juntos, em família, continuamos o trabalho que nossa mãe começou, colaborando na abertura de novos espaços expográficos por todo o país, como o Centro de Arte Popular em Belo Horizonte, cujo projeto desenvolvemos a partir de um esboço feito por ela.

A maioria das obras aqui expostas faz parte da coleção reunida ao longo de muitos anos por Vilma Eid, proprietária da Galeria Estação, em São Paulo, que faz um trabalho importantíssimo de exposição de arte popular. A Janete fez várias curadorias usando peças da coleção da Vilma, que ela considerava

uma grande coleção. Além disso, há peças cedidas pelo Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro, Coleção Janete Costa, e algumas de minha coleção pessoal, que ganhei de presente de minha mãe.

Não tive a pretensão de fazer grandes analogias de ordem cronológica ou regional, nem de materiais. O que busquei foi destacar a qualidade artística e estética comprometida com aspectos socioculturais, com a expressão de valores que fazem jus à riqueza da cultura popular brasileira. O resultado é uma pequena mostra que reúne o referencial cultural brasileiro dentro de um universo de espetaculares artistas que representam a qualidade, o valor e a importância destes que, com suas criações, abrem caminhos para uma imensa mão de obra artesanal.

Uma homenagem a Janete

Pensei numa exposição em que cada peça, por suas características, fizesse sua própria homenagem a Janete. Seja pela *fragilidade expressiva* do barro, como no caso de mestre Vitalino retratando cenas do cotidiano da sua região, e no de Dona Isabel com suas bonecas quase sempre vestidas em roupa de festa, em cenas de ternura de *mulher e mãe*. Seja pela força *desbravadora* das peças da Ana das Carrancas, *pernambucana* que, como vários nordestinos em busca de água, fez potes e, ao se encantar com o rio São Francisco, passou a moldar carrancas quase como forma de espantar a seca. E não posso deixar de falar do mestre Galdino, que escrevia uma história para cada peça criada. Um misto de escultor, ceramista e poeta.

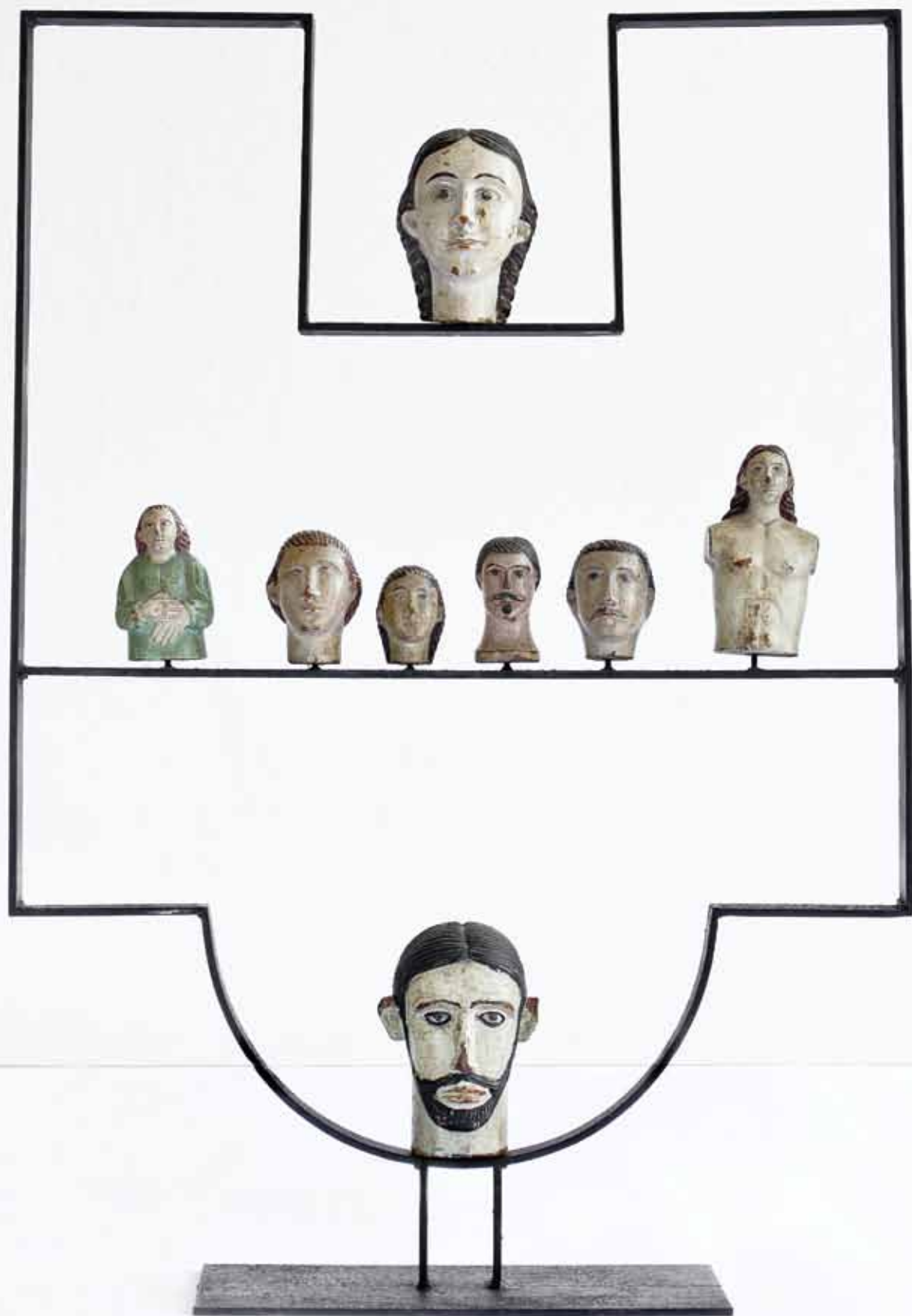
A homenagem se expressa também na *simplicidade* orgânica natural da madeira esculpida pelo GTO, que talhava a própria história em rodas vivas, repletas de equilíbrio formal entre cheios e vazados, retrato de sua comunidade. Na africanidade das esculturas do Agnaldo, retrato da Bahia em figuras de natureza antropomórficas com influências do outro continente, mas com absoluta *originalidade*. Está presente na *generosidade* da jaqueira, que forneceu enormes troncos aos quais o Manoel da Marinheira, *talentoso* artista que ficou conhecido nacionalmente, deu forma de animais da fauna brasileira e felinos. E na *genialidade* do Adalton, conhecido ceramista fluminense, que misturou técnicas e materiais dando vida e movimento ao cotidiano do povo com engenhosidade e cor. E,

para finalizar de forma inesperada, nas obras de Aurelino dos Santos, o *arquiteto* de formas, cores e paisagens com referências variadas, pintadas em duas dimensões.

Um passeio pelo Brasil e sua diversidade, uma explosão criativa exposta num labirinto de obras de arte, onde cada peça surpreende e revela regionalidade, expressando cultura e brasilidade.

Mario Costa Santos

Curador





Flavio Tavares diz com estilo e precisão que a morte com o seu rito tem mais vida que a vida.

À vida de Janete Costa não importou a morte pois de mais vida ela se fez, a persistir no seu comando de amor.

Janete Costa jamais ancorou em horas. Ocupou-se da libertação dos gestos. Teve exata percepção do conceito amplo de Cultura, sob o ponto de vista antropológico. Seu entusiasmo era pelas humanidades.

É do que este núcleo de arte popular dá a boa medida.

Ela entendeu Cultura como o abarcar todo o pensar e todo o fazer humanos. Soube exaltar as habilidades técnico-utilitárias populares, por isso andou o Brasil inteiro. Soube compreender tudo o que há de libertador e de integrador na Cultura. Por isso, suas mãos cuidaram tão bem da arte contemporânea – coitada, ainda tão questionada –, dos traços da arquitetura, do confortável na ambientação, da voluptuosidade das curvas do barroco, da sonoridade do carnaval de Olinda, do brilho dos vidros, da opacidade de madeiras, do cheiro das comidas de milho ou do vatapá.

A tudo deu trato. A tudo deu lugar.

Janete Costa viveu aberta ao sincretismo da diversidade, sublinhando as diferenças para melhor refletir o Brasil e melhor se solidarizar com os amigos. Viu o Brasil como um pertence. Acolheu forças e meios tornando-os úteis. Contemplou convergências e divergências, insurgências e ressurgências.

Que grande figura, Janete Costa.

E não consigo me controlar e proclamo: que grande cozinheira foi também minha comadre Janete!

Marcos Vinícios Vilaça
Da Academia Brasileira de Letras



Janete Costa: arte e transformação

Cada texto tem a sua história peculiar, sua maneira específica de se estruturar e de se desenvolver. Para nós, que vivemos da escrita, o texto parece um indivíduo, algo como um filho que criamos, orientamos, mas nem sempre temos sobre ele o domínio de sua vida, a plena posse de suas narrativas. Olho para a página em branco (sim, reconheço, sou por vezes um personagem jurássico que ainda se assusta e se fascina com a folha em branco ao invés da luz gelada de uma tela de computador) e nela vejo estampada a figura encantada de Janete Costa. Sigo o rumo do seu sorriso e sobre a sua imagem adiciono algumas palavras, algumas linhas e algumas ideias sobre essa querida amiga, luz permanente em todos nós que a amamos. Ainda hoje – e agora – vejo o seu rosto e ouço a sua voz, nosso delicioso sotaque pernambucano agreste e carinhoso como a alma de nossa gente, do nosso povo que ela, Janete, mais que interpretar, soube amar e valorizar.

Janete Costa entendeu com sensibilidade e talento inigualáveis que um espaço interno de vivências, convívios e intimidades é bem mais do que a reunião de peças de qualidade, de *griffes* famosas, de unidades estilísticas ou temáticas, de recônditos desejos de ascensão social. Arquiteta de interiores, criadora de espaços, Janete entendia seu ofício como um ato de cultura. Por isso era generosa e variada, curiosidade permanente na elaboração de relações estéticas que se harmonizavam num espaço através de formas, cores e volumes que ela integrava com impressionante capacidade, dando ao todo clareza e integridade como se estivessemos vivendo e convivendo numa pintura de Gauguin ou Matisse.

Para alguns o passado é compreendido de maneira sedentária; a tradição parece se afirmar com a criação de espaços anacrônicos e meramente

Nuca de Tracunhaém
(Manuel Borges da Silva)
Sem título, sem data
Cerâmica
70 x 60 x 30 cm
Coleção Vilma Eid

sacralizantes. Para outros, como Janete, esse permanente relacionamento com a história da arte era a alavanca para projetar e construir espaços contemporâneos, pertinentes e adequados a nossa realidade. Hoje a arte é ferramenta intelectual de comunicação e descoberta de um mundo. O processo de livre experimentação artística tornou-se um elemento tão significativo quanto a tradicional obra de arte a qual fomos acostumados a ver nos museus. Grande parte da produção e do pensamento artístico passa a ser estabelecida a partir de trocas sociais mais intensas: a preocupação de fazer uma arte que admita e valorize a diversidade cultural é constante. Surgem assim trabalhos pensados para espaços específicos e a arte passa a ser interpretada como instância capaz de promover novas visões da realidade. Levam-se em conta as necessidades pessoais e coletivas, que aparecem a todo instante pelas trocas e vivências e nas quais o público, o artista, o artesão e o técnico acabam por se mesclar. O espaço artístico característico da contemporaneidade é portanto múltiplo, plural, diversificado e se estabelece a partir de situações de troca e deslocamento. Janete nos demonstra isso a cada instante, a cada trabalho.

Personagem fundamental no universo artístico brasileiro, Janete Costa sabia que a atividade artística potencializa as vocações intrínsecas da nossa espécie e o consumo cultural garante dignidade ao ser humano. Por isso, o artesanato era para ela um tema fundamental. E a arte popular, presença constante em suas criações. Tive o privilégio de trabalhar com ela na mostra *Viva o povo brasileiro*, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro durante a Eco 92. Graças a ela, a mostra transformou-se num êxito espantoso, reunindo peças de artistas populares de todo o Brasil. Regente do espetáculo, Janete, com o auxílio de uma pequena equipe de ferreiros, carpinteiros e montadores, desenhava no local bases e suportes específicos para cada peça selecionada, criando ambientes e instalações que se impunham de forma substantiva no espaço, superando conceitos limitadores de antigas cenografias. Durante a montagem pedi a ela um pequeno texto para o catálogo. Ela me olhou um pouco assustada e me disse: “Não sou muito boa nessa coisa de texto não, isso é com você. Meu trabalho é esse aqui”, e seguiu agarrada a um saco de folhas secas recolhidas pelo jardineiro e que ela com elegância transformou em piso para onças e jacarés de madeira produzidos por um artista da Amazônia. No final do dia, como eu ainda insistia no texto, ela me propôs o seguinte: “Vamos fazer assim, eu falo e você dá o texto, pode ser?”. Eu concordei, peguei essa mesma folha de papel e transcrevi o que ela me disse. “Eu nasci em Garanhuns. Quando criança, tinha uma boneca de louça francesa, mas ela era muito frágil e eu preferia brincar com as bruxas de pano: esse foi meu primeiro contato com o artesanato do meu povo. Para se compreender a obra de arte é preciso primeiro vivenciá-la e depois permitir-se a necessária distância

crítica. Vivi em meio aos objetos da criatividade popular; sonhava em trocar a moringa por uma geladeira. Mas o tempo foi me mostrando a beleza da sua forma singela e através da elaboração intelectual deixei de ser apenas consumidora para transformar-me em observadora cultural, não apenas catalogando o universo popular, mas buscando também valorizar e respeitar os criadores coerentes com seu mundo e seu cotidiano. O que define o artista é a capacidade de atrelar seu capital cultural a seu universo social. Os artistas populares são aqueles que têm a necessidade de criar e abrir novos caminhos à produção artesanal, mais comprometida com as tradições, condição que acaba por definir seu principal caráter. Por isso, se não devemos interferir na produção do artista, podemos definir alguns pontos de ação e de orientação na produção artesanal, visando inclusive a preservar a sua qualidade e colaborando na formação de um público consumidor mais sensível, disposto a compreender toda a complexa engrenagem sociocultural que qualquer obra artesanal carrega.” Janete para sempre!

Marcus Lontra Costa
Rio, novembro de 2012





Adalton Fernandes Lopes

Grupo de Folia de Reis, sem data Cerâmica Altura 12,5 cm
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



Adalton Fernandes lopes

Espantalho, sem data Cerâmica 12 x 14 cm

Vendedor de bolas, sem data Cerâmica 33 x 6,5 cm

Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



Adalton Fernandes lopes

Sapateiro, sem data Cerâmica 12 x 14 cm

Eletricista, sem data Cerâmica 21,5 x 8,5 cm

Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro

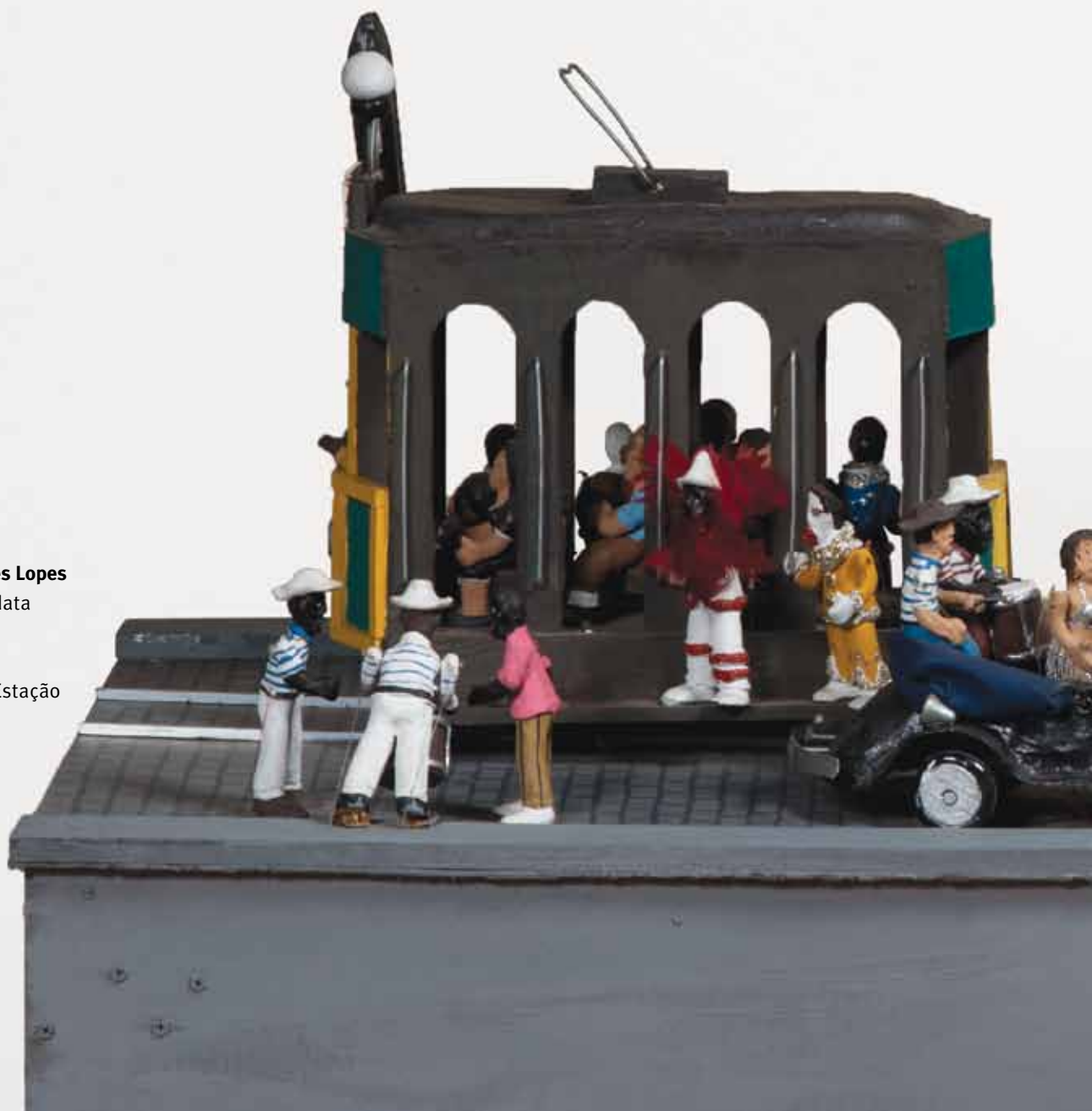
Adalton Fernandes Lopes

Sem título, sem data

Técnica mista

82 x 123 x 78 cm

Coleção Galeria Estação









Ana das Carrancas *Carranca com barco*, sem data Cerâmica 51 x 58 cm
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



Mestre Galdino

O patrono dos pretinhos, 1994 Cerâmica 43 x 32 x 22 cm Coleção Mario Santos

Laços gramáticos, 1994 Cerâmica 78 x 30 x 30 cm Coleção Mario Santos

Marco do mei-do-mundo, 1994 Cerâmica 78 x 30 x 30 cm Coleção Mario Santos





Mestre Galdino

Sem título, 1994 Cerâmica 117 x 40 x 39 cm Coleção Mario Santos

Sem título, 1994 Cerâmica 107 x 34 x 30 cm Coleção Mario Santos

Pessa os seres da natureza, 1993 Cerâmica 100 x 40 x 33 cm Coleção Mario Santos





Izabel Mendes da Cunha

Sem título Cerâmica Coleção Galeria Estação

Década de 70 83 x 23 x 23 cm 2009 80 x 32 x 23 cm



Izabel Mendes da Cunha

Sem título Cerâmica Coleção Galeria Estação
2008 80 x 30 x 22 cm Década de 70 76 x 23 x 23 cm







Nuca de Tracunhaém (Manuel Borges da Silva)

Sem título, década de 70 Cerâmica 55 x 69 x 25 cm Coleção Vilma Eid

Sem título, sem data Cerâmica 61 x 27 x 74 cm Coleção Vilma Eid





Nuca de Tracunhaém (Manuel Borges da Silva)

Sem título, década de 70 Cerâmica 52 x 24 x 56 cm Coleção Vilma Eid

Sem título, sem data Cerâmica 58 x 25 x 70 cm Coleção Vilma Eid









Ulisses Pereira Chaves

Sem título, sem data Cerâmica 41 x 22 x 15 cm Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data Cerâmica 50 x 35 x 17 cm Coleção Galeria Estação



Ulisses Pereira Chaves

Sem título, sem data	Cerâmica	35 x 20 x 18 cm	Coleção Vilma Eid
Sem título, sem data	Cerâmica	37 x 28 x 15 cm	Coleção Vilma Eid



Ulisses Pereira Chaves

Sem título, sem data Cerâmica 46 x 34 x 11 cm Coleção Galeria Estação

Sem título, década de 70 Cerâmica 79,5 x 39,5 x 15,5 cm Coleção Galeria Estação





Manuel Eudócio

Casal de noivos, sem data Cerâmica policromada 19 x 19 x 17,5 cm

Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



Mestre Vitalino

Sem título, sem data Cerâmica policromada 15 x 18 x 14 cm Coleção Vilma Eid



Mestre Vitalino Sem título, sem data Cerâmica policromada 19 x 11 x 14 cm Coleção Vilma Eid



Mestre Vitalino *Casal de noivos*, sem data Cerâmica policromada 21 x 8 x 20 cm Coleção Vilma Eid











Mestre Vitalino

Sem título, sem data Cerâmica policromada 16,5 x 9 x 21,8 cm Coleção Vilma Eid

Novilho e vaqueiros, sem data Cerâmica policromada 16 x 21 x 15 cm Coleção Vilma Eid



Mestre Vitalino

Cachorro abocanhando teju, sem data Cerâmica policromada 10 x 25 x 8,5 cm

Lampião, sem data 28,5 x 9,5 x 6,5 cm Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro







Antonio de Dedé

Sem título, 2011

Tinta acrílica e madeira

210 x 22 x 22 cm

Coleção Galeria Estação

Sem título, 2011

Tinta acrílica e madeira

202 x 22 x 19 cm

194 x 22 x 23 cm

Coleção Galeria Estação











Antonio de Dedé

Sem título, 2010

Tinta acrílica e madeira

142 x 159 x 25 cm

Coleção Galeria Estação

Sem título, 2010

Tinta acrílica e madeira

160 x 25 x 27 cm

Coleção Galeria Estação



Artur Pereira

Galhada de bichos, sem data

Madeira

172 x 75 x 61 cm

Coleção Vilma Eid

Sem título, sem data

Madeira

93 x 26 x 46 cm

103 x 40 x 36 cm

Coleção Vilma Eid









Artur Pereira

Coluna, década de 70

Madeira

103 x 62 x 44 cm

Coleção Galeria Estação

Galhada, sem data

Madeira

174 x 132 x 83 cm

Coleção Vilma Eid









Artur Pereira
Sem título, sem data
Madeira
103 x 40 x 36 cm
Coleção Galeria Estação



Chico Tabibuia

Saci três irmãos, 2006

Madeira

128 x 48 x 52 cm

Coleção Galeria Estação



Chico Tabibuia

Barco fantasma, sem data Madeira 55 x 37 x 110 cm Coleção Vilma Eid

Exú relógio, sem data Madeira 80 x 21 x 29 cm Coleção Vilma Eid







Chico Tabibuia

Sem título, sem data	Madeira	100 x 34 x 52 cm	Coleção Galeria Estação
Sem título, sem data	Madeira	46 x 32,5 x 73 cm	Coleção Galeria Estação



Conceição dos Bugres Sem título, sem data Madeira 35 x 32 x 31 cm Coleção Galeria Estação
Bugres, sem data Madeira 67 x 25 x 26 cm Coleção Galeria Estação











Fernando da Ilha do Ferro

Cadeira, sem data Madeira 120 x 89 x 94 cm Coleção Galeria Estação

Banco, sem data Madeira 47 x 46 x 34 cm Coleção Galeria Estação

Banco, sem data Madeira 56 x 35 x 42 cm Coleção Galeria Estação



Fernando da Ilha do Ferro

Cadeira em raizes, sem data Madeira 125 x 48 x 49 cm Coleção Mario Santos

Cadeira, sem data Madeira 131 x 47 x 51 cm Coleção Galeria Estação





Ubaldo Biquiba Guarany *Carranca com barco*, sem data Cedro policromado 51 x 58 cm
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany *Carranca*, sem data Cedro policromado 87 x 24 cm
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro









GTO (Geraldo Teles de Oliveira)

Rodas com corrente, década 70 Madeira 207 x 51 x 15 cm Coleção Vilma Eid

Sem título, sem data Madeira 95 x 52 x 15 cm Coleção Galeria Estação

Sem título, 1992 Madeira 86 x 44 x 10 cm Coleção Galeria Estação



Jadir João Egídio

Sem título, década de 70

Madeira

210 x 45 x 9 cm

Coleção Galeria Estação

Sem título, década de 70

Madeira

154 x 70 x 15 cm

Coleção Galeria Estação















Itamar Julião

Onça, sem data

Madeira

52 x 80 x 122 cm

Coleção Galeria Estação

Itamar Julião *Leão*, sem data Madeira 25 x 79 x 26 cm Coleção Rene Fernandes Filho



Itamar Julião *Leão*, sem data Madeira 41 x 46 x 124 cm Coleção Galeria Estação





José Bezerra

Sem título, sem data Madeira 46 x 62 x 145 cm Coleção Galeria Estação









José Bezerra

Sem título, 2011 Madeira 40 x 20 x 62 cm Coleção Galeria Estação

112 Sem título, 2011 Madeira 75 x 43 x 47 cm Coleção Galeria Estação





Zé do Chalé (José Cândido dos Santos)

Sem título, sem data	Madeira	40 x 16 x 17 cm	Coleção Galeria Estação
Sem título, sem data	Madeira	58 x 18 x 18 cm	Coleção Galeria Estação
Sem título, sem data	Madeira	65 x 17 x 19 cm	Coleção Galeria Estação







Zé do Chalé (José Cândido dos Santos)

Sem título, sem data	Madeira	65 x 20 x 9 cm	Coleção Galeria Estação
Sem título, sem data	Madeira	74 x 20 cm x 14 cm	Coleção Galeria Estação
Sem título, sem data	Madeira	53 x 20 cm x 14	Coleção Galeria Estação



Zé do Chalé (José Cândido dos Santos)

Troféu, sem data Madeira 51 x 11 x 6 cm Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data Madeira 48 x 16 x 12 cm Coleção Galeria Estação









Zé do Chalé (José Cândido dos Santos)

Sem título, sem data	Madeira	10 x 11 x 11 cm	Coleção Galeria Estação
Sem título, sem data	Madeira	50 x 11 x 11 cm	Coleção Galeria Estação









Nicola

Cabeça de apóstolo, Sem data Madeira 80 x 67 cm Acervo Museu Janete Costa de Arte Popular

Cabeça de Cristo, Sem data Madeira 80 x 90 cm Acervo Museu Janete Costa de Arte Popular







Mudinho (Manoel Ribeiro da Costa)

Homem de pé rezando, sem data Madeira 75 x 17 cm Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro

Mulher de pé, sem data Madeira 83 x 17 cm Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro

Sereia, sem data Madeira 79,5 x 17 cm Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro







Mudinho (Manoel Ribeiro da Costa)

Gamela pato, sem data Madeira 12 x 59 x 15 cm

Gamela galinha, sem data Madeira 29,5 x 70 x 19 cm

Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



Mudinho (Manoel Ribeiro da Costa)

Homem com mãos nos joelhos, sem data Madeira 84 x 27 cm Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro

Menino sentado, sem data Madeira 47 x 20 x 20 cm Coleção Mario Santos



Nino (João Cosmo Félix)

Sem título, sem data 104 x 32 x 25 cm Madeira Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data 150 x 29 x 43 cm Madeira Coleção Galeria Estação









Nino (João Cosmo Félix)

138

Coruja, sem data Madeira 109 x 24 x 22 cm Coleção Galeria Estação





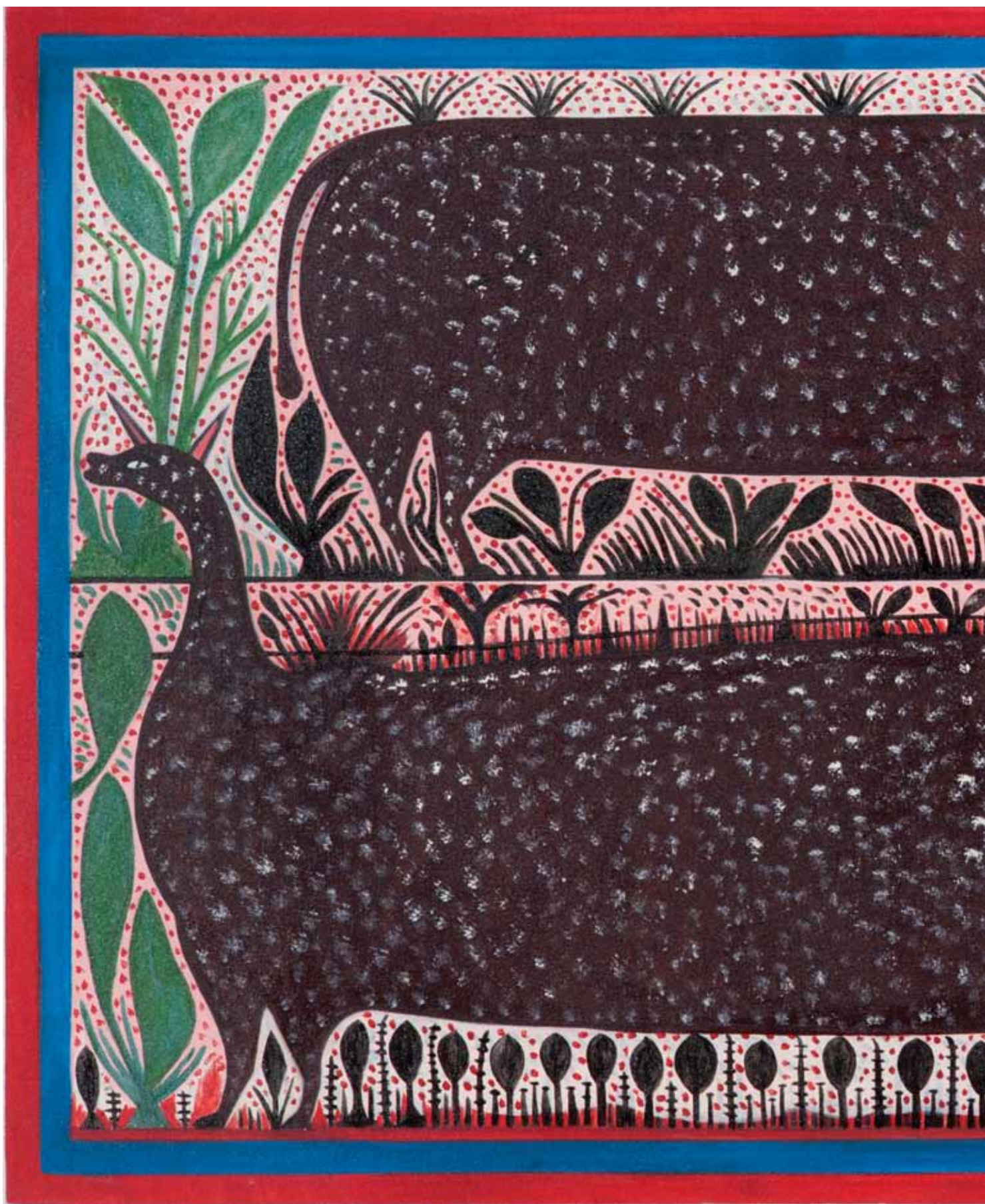
Nino (João Cosmo Félix)

Sem título, sem data 102 x 19 x 38 cm Madeira Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data 95 x 20 x 11 cm Madeira Coleção Galeria Estação

Vaca, sem data 116 x 29 x 27 cm Madeira Coleção Galeria Estação



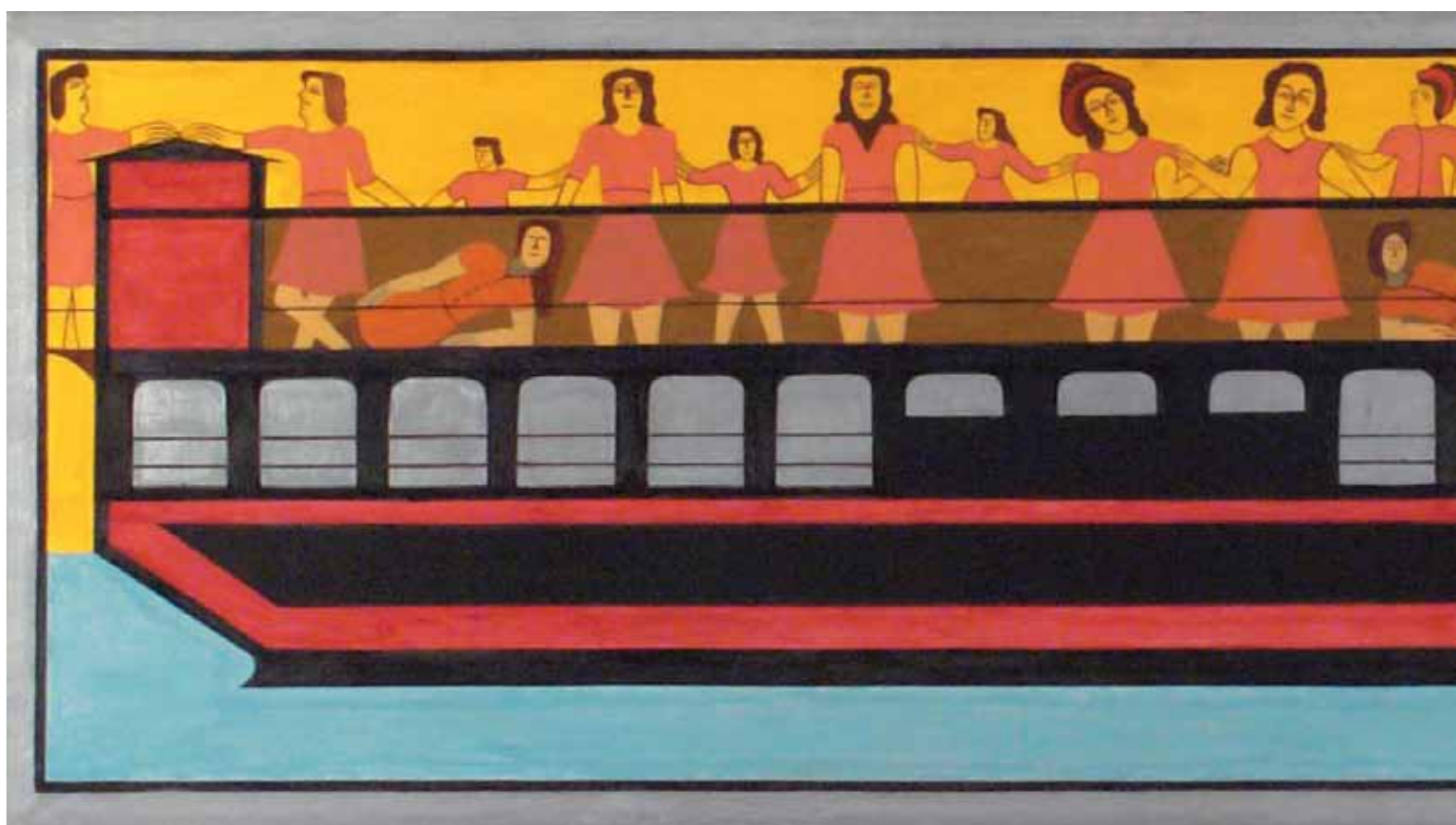


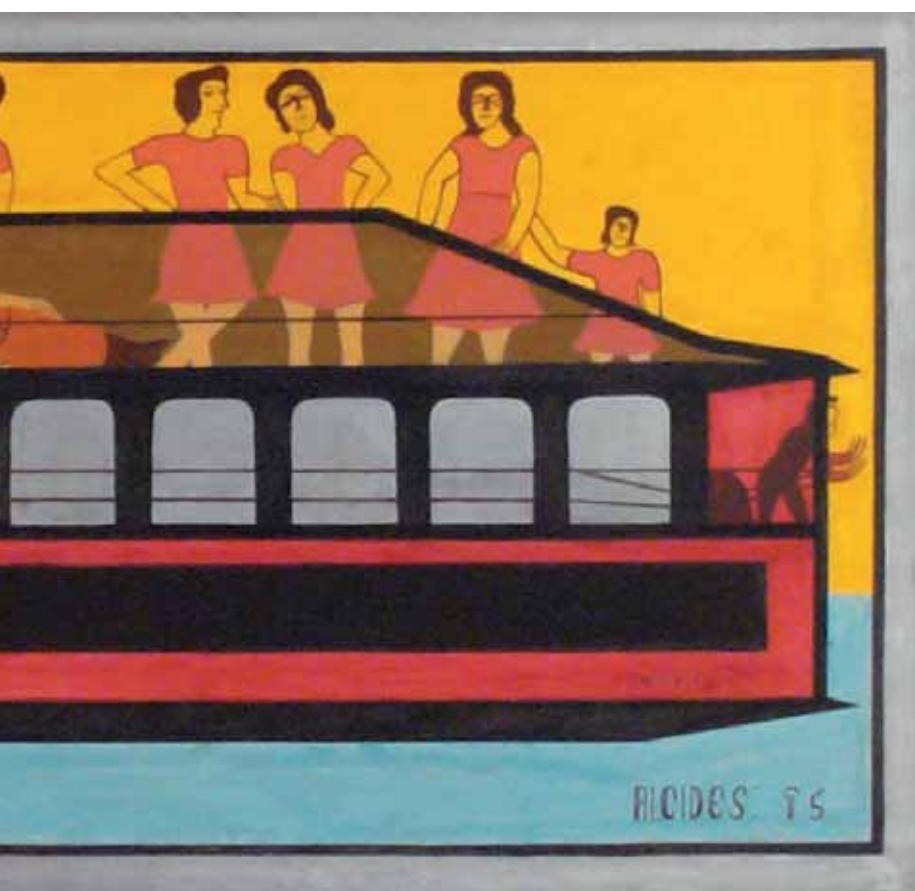
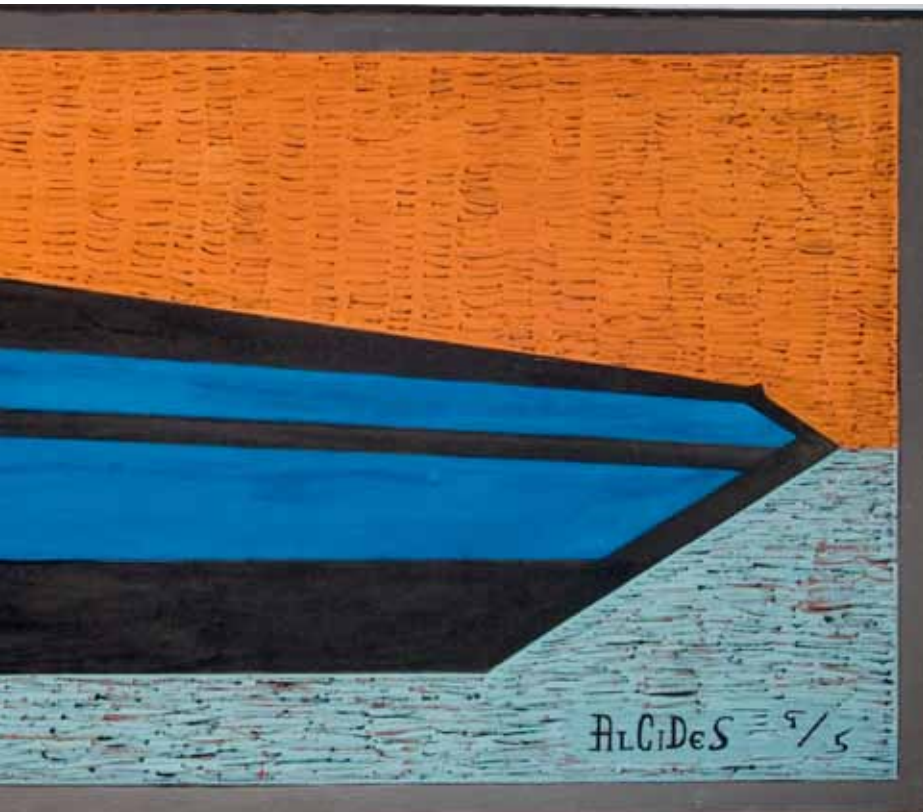
Alcides Pereira dos Santos

A natureza, 2006 83 x 130 cm Acrílico sobre tela Coleção Galeria Estação



A: NATURZA. ALCIDES..... 20 . 6





Alcides Pereira dos Santos

Uma lancha carinada, 1995

Acrílico sobre tela

73 x 216 cm

Coleção Galeria Estação

Navio, 1995

Acrílico sobre tela

75 x 227 cm

Coleção Galeria Estação











Aurelino dos Santos Sem título, 1990 Óleo sobre tela 50 x 40 cm Coleção Galeria Estação

Páginas seguintes **José Antonio da Silva**

Painel e personagens, 1986 Óleo sobre madeira 400 x 220 cm Coleção Galeria Estação







Bajado (Euclides Francisco Amâncio)



Bajado (Euclides Francisco Amâncio)

O nosso pastoril, 1976 Óleo sobre eucatex 30 x 59 cm Coleção Galeria Estação



Bajado (Euclides Francisco Amâncio)

Viva o homem da meia noite, 1976 Óleo sobre eucatex 30 x 59 cm Coleção Galeria Estação

PREFEITURA DE NITERÓI

Prefeito Niterói

Jorge Roberto Silveira

Secretário Municipal de Cultura

Claudio Valério Teixeira

Subsecretário Municipal de Cultura

Cássio Tucunduva

Subsecretário de Planejamento Cultural

Dalto Roberto Medeiros

Presidente da Fundação de Arte de Niterói

Marcos Sabino

Superintendente Cultural

Francisco Aguiar

Superintendente Administrativo

Ivan Macedo

Secretária Municipal de Educação

Maria Inês Azevedo de Oliveira

Subsecretária de Educação

Cléa Monteiro Mello Rocha e Silva

Subsecretária de Projetos Especiais

Maria Cristina Ferreira de Carvalho Caparica

Presidente da FME

Luiz Fernandes Braga



Rua Presidente Domiciano 178 - 182
Ingá, Niterói, RJ cep 24210 271

Janete Costa: Um olhar novembro 2012
MUSEU JANETE COSTA DE ARTE POPULAR

EXPOSIÇÃO

Curadoria

Mario Costa Santos

Museografia e iluminação

Arqmede Arquitetura Ltda

Mario Costa Santos, Eliane Amarante, Denise Niemeyer

Produção executiva

Miriane Amarante Santos

Montagem

Rebecca's Art

Arqmede Arquitetura Ltda

Fotografia

Leonardo Costa

Vídeo

Francisco Baccaro

Logomarca do Museu

Roberta Borsoi

CATÁLOGO

Coordenação editorial

Germana Monte-Mór

Vilma Eid

Desenho gráfico e produção gráfica

Germana Monte-Mór

Fotos

João Liberato

Francisco Baccaro páginas 14, 19, 87, 103, 126, 128, 129

Secretaria

Giselli Gumiero

Revisão de textos

Otacílio Nunes



Secretaria Municipal de Educação
Secretaria Municipal de Cultura

AGRADECIMENTOS

ÁGUAS DE NITERÓI
ARQMEDE ARQUITETURA
CARLOS REBECCA
CLÁUDIA SANTOS
DORA SILVEIRA
FRANCISCO BACCARO (Fotografia)
GALERIA ESTAÇÃO
GISELLI GUMIERO
JOÃO LIBERATO (Fotografia)
LUCIA SANTOS
LEONARDO COSTA (Fotografia)
LUCIENE MARTINS CAVALCANTE
MARCUS LONTRA COSTA
MARCOS VINÍCIOS VILAÇA (Academia Brasileira de Letras)
MUSEU DE HISTÓRIA E ARTES DO RIO DE JANEIRO
PATRÍCIA BARATTA
ROBERTO EID PHILIPP
RODRIGO DINELLI
THAINÁ PORTO
VILMA EID
VIRIATO MATTOS

JORGE ROBERTO SILVEIRA (Prefeito de Niterói)

CLAUDIO VALÉRIO TEIXEIRA (Secretário de Cultura)

Núcleo de Restauração de Bens Culturais de Niterói

FERNANDA COUTO TEIXEIRA (diretora)
MARCIA HELENA VAZ TEIXEIRA (arquiteta)
MARCELLO LISBOA SALDANHA (arquiteto)
ELISABETE MARTELLETTI GRILLO PEREIRA (restauração artística)
ALINE ARAUJO GABETTO DE MAGALHAES NORONHA (restauração artística)
FERNANDA MELEGARI TEIXEIRA (apoio administrativo)
LUCIO VIANA DE OLIVEIRA (apoio administrativo)
ALINE M. NAUE (estagiária)
WILLIAN RIBEIRO RAMOS (estagiário)

Bela Vista Restaurações Artísticas Ltda

ABSALÃO DA CUNHA SILVA
ANGÉLICA DE OLIVEIRA BÁRBARA
ANTÔNIO SÉRGIO TEIXEIRA
BRUNO DIEGO VIANA
FLÁVIO RODRIGUES
JOÃO BATISTA TEIXEIRA
LEONARDO VERÍSSIMO DA SILVA
MÁRCIO DA SILVA OLIVEIRA
MAYCON DE MACEDO FREIRE
PEDRO TEIXEIRA DE OLIVEIRA
SINVAL TEIXEIRA DE OLIVEIRA

Luxor Construções

ANDRÉ LUIZ DA SILVA MATTA
ANTONI NUNES DE MENDONÇA
CARLOS RODRIGUES SOUZA
CLAUDIA SANTANA DO NASCIMENTO
CLAUDIO PASSOS SIQUEIRA
CHRISTIAN NASCIMENTO ALVES
ELEONORA BASTOS LOPES NINOMIYA (arquiteta)
ENOQUIO FERREIRA SALDANHA
ERICK FERREIRA
FÁBIO APSUNÇÃO SILVA
FELIPE MOTA SOUZA
FERNANDA DE SOUZA SILVA RODRIGUES
FRANCISCO JOSÉ DA SILVA
JOSÉ ROBERTO VINAGRE MOCARZEL (engenheiro)
JOSÉ SOARES DE AZEVEDO FILHO
LUCIANA FIGUEIREDO RABELO (arquiteta)
LUIS EDUARDO CASTRO CAROLINO
LUIZ CARLOS FERREIRA
LUIZ FERNANDO SILVA DE SOUZA
MARCELO DE OLIVEIRA SILVA
MÁVIO ELÍSIO
NEWMAR ELIAS
NUBIA NUNES DOS SANTOS
PAULO ROBERTO MACHADO
PAULO SÉRGIO DAMASCENO
PEDRO SÉRGIO BARRETO BASILIO (engenheiro)
PRISCILA FREITAS SEPÚLVEDA
PRISCILLA MONÇÃO DA COSTA NETO
RICARDO MOREIRA MECA (assessor da presidência)
RODRIGO DE MELLO
ROSANE MONTEIRO PINTO (arquiteta)
ROSANGELA DA SILVA
SAMIRA HADDAD
SIMONE DA CONCEIÇÃO SALDANHA
TERCIA APARECIDA V. FERREIRA DOS SANTOS
VALDEIR ROCHA DA SILVA
VALDINEIA DE SOUZA SILVA
VANIA DE OLIVEIRA
VANIA MARIA DA ROCHA TRUGANO DOS SANTOS
WAGNER MOTA
WALLACE FERREIRA
WELLINGTON LUIZ DA SILVA COUTO
WILLIAN PEREIRA DA SILVA
YVAN FATTORI (engenheiro)

AOS TRABALHADORES QUE FIZERAM ESTE MUSEU

ADRIANO DOMINGOS
ADRIANO FLORENTINO
ALEX DE SOUZA DE MOURA
ALUÍZIO VENANCIO DA SILVA
ANDERSON ALBERTINE
ANDERSON LIMA DA SILVA
ANGELO MARCIO PACHECO DE SOUZA
AUGUSTO COSTA
CARLOS CÉSAR RIBEIRO
CLAUDENIR GOMES
CLAUDIO SANTOS FLORENCIO
CLOVIS SANTANA RODRIGUES
COSME MOREIRA PAPA
DANIEL DA SILVA HERMÍNIO
DAVID LEITE
DOUGLIONAN
EDILSON ANTÔNIO DE MOURA
EDSON SOUZA DOS SANTOS
ERCILIO RODRIGUES CHAVIER
FABIANO RODRIGUES DOS SANTOS
FLAVIANO JACINTO DA CRUZ
FLAVIO NERI CANDIDO
GERALDO BENVINDO DAMIÃO
GILSON CAMPOS PEREIRA
HELTON LUIZ DE FREITAS SANTOS
HERLY CUNHA FILHO
HUGO OLIVEIRA SANTOS
IVANILDO GOMES DA SILVA
JEAN CARLOS GOMES DOS SANTOS
JOÃO PORFIRIO DA SILVA
JORGE AUGUSTO FERREIRA DOS SANTOS
JORGE LEONARDO GOMES DOS SANTOS
JORGE LUIS GOMES DOS SANTOS
JORGE LUIZ FARIA DOS SANTOS
JOSE DE SOUZA LUDOVICO
LEANDRO DE ANDRADE GUIMARÃES
LIONALDO NATALINO
MAGNO DE OLIVEIRA FERREIRA
MARCELO SILVEIRA
MARCOS MEIRA
MARCOS VALERIO DA SILVA CORREA
MARIO FIRMINO PEREIRA JUNIOR
MOISÉS RODRIGUES
NILTON DA SILVA LIMA
PAULO HENRIQUE DA SILVA ARAUJO
PAULO MORAES DIAS
PAULO VICTOR ELIAS
RAFAEL COSTA BONFIM DO ESPIRITO SANTO
RAFAEL SILVA NASCIMENTO
RICARDO ALVES
ROBERTO PAULO DA SILVA
RODRIGO CARDOSO DOS SANTOS
ROGÉRIO GOMES
SEBASTIÃO JOSÉ DA SILVA
SILVIO SALGADO GONÇALVES
UANDERSON DE SOUZA FARIA
UIIDES DE SOUZA SILVA
VALDECY PAULO DA SILVA(BOCA BRANCA)



Este livro foi composto em **Metakorrespondenz Roman** para os textos e **Metakorrespondenz Bold** para os títulos, e impresso na primavera de 2012, com tiragem de 2000 exemplares, na Lis Gráfica, Bonsucesso, São Paulo.

